

Vol. 1, No. 3 (junho 2026)

**REVISTA
ATHENA LATINHO-AMERICANA**

**A CONSPIRAÇÃO DOS SUASSUNAS (1801): O Despertar
Libertário de Pernambuco**

**The Suassuna Conspiracy (1801): The Libertarian Awakening
of Pernambuco**

GENIVALDO BEZERRA CAVALCANTI¹

Revista Athena Latino-Americana

DOI: 10.69720/3086-5182.2026.000016

ISSN: [3086-5182](https://doi.org/10.69720/3086-5182)

¹É historiador, sociólogo e educador. Possui doutorado pela *Venni Creator Christian University*, com tese reconhecida e aprovada pela Universidade FUMEC, e mestrado em Educação pela Universidade Gama Filho (UGF). É graduado em Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade de Pernambuco (UPE) e pela Universidade Estácio de Sá, respectivamente, além de licenciado em Sociologia pela Uninter. No âmbito da pós-graduação *lato sensu*, é especialista em História do Nordeste pela UPE e em Antropologia pela Faculdade Serra Geral.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8426899969607661>

E-mail: genivaldocavalcanti39@hotmail.com



• REVISTA •



ATHENA LATINO-AMERICANA

Vol. 1, No. 3 (JUNHO 2026)

**A CONSPIRAÇÃO DOS SUASSUNAS (1801): O Despertar
Libertário de Pernambuco**

GENIVALDO BEZERRA CAVALCANTI



PERIÓDICO CIENTÍFICO INDEXADO INTERNACIONALMENTE

ISSN

International Standard Serial Number

3086-5182

www.athena-latino-americana.com

Editora e Revista

Athena Latino-Americana

CPF: 639.619.621-20

Naviraí – Mato Grosso do Sul

Rua: Botocudos, 365 – Centro

CEP: 79950-000

RESUMO

No início do século XIX, a Capitania de Pernambuco vivia uma profunda contradição: sua opulenta produção de açúcar e algodão sustentava a metrópole, mas o sufocamento fiscal imposto por Lisboa gerava revolta. Esse descontentamento econômico transformou-se em um projeto político republicano e emancipatório, alimentado pela circulação das ideias iluministas. Esse ambiente propiciou o surgimento de uma rede de sociabilidade intelectual e secreta sem precedentes na colônia, que uniu a elite agrária (representada pelos irmãos Cavalcanti de Albuquerque e o Engenho Suassuna), o clero reformista do Seminário de Olinda e a intelectualidade maçônica do Areópago de Itambé, este último fundado pelo cientista Manuel Arruda da Câmara. Embora o projeto fosse politicamente disruptivo e inspirado nos modelos francês e norte-americano, ele carregava a limitação social de manter o sistema escravocrata intacto, reflexo do profundo medo da elite em relação ao "haitianismo" (a revolta de escravizados que tomou o poder no Haiti). Em 1801, a conspiração foi delatada antes de pegar em armas, mas a resposta da Coroa Portuguesa foi estrategicamente branda. Devido ao imenso poder econômico e aos laços de parentesco dos envolvidos, o governador conduziu o processo com cautela, resultando na absolvição dos líderes por falta de provas materiais e evitando o derramamento de sangue visto em outras revoltas coloniais. Como os bens não foram confiscados e as lideranças não foram executadas, a infraestrutura humana e política do movimento permaneceu intacta, migrando para a clandestinidade de novas lojas maçônicas e para a privacidade dos engenhos após o fechamento do Areópago. Nos anos seguintes, a chegada da Família Real ao Rio de Janeiro em 1808 e a violenta seca de 1816 agravaram a exploração econômica sobre o Nordeste, inflamando os ânimos locais. Assim, a Conspiração dos Suassunas consolidou-se como o grande ensaio geral estrutural que permitiu, dezesseis anos mais tarde, a eclosão coordenada e o triunfo temporário da Revolução Pernambucana de 1817.

Palavras chaves: Capitania de Pernambuco, Engenho Suassuna, Sufocamento fiscal e Conspiração.

ABSTRACT

At the beginning of the 19th century, the Captaincy of Pernambuco experienced deep contradictions: its wealthy sugar and cotton production sustained the metropolis, but the fiscal strangulation imposed by Lisbon generated widespread rebellion. This economic discontent transformed into a republican and emancipatory political project, fueled by the circulation of Enlightenment ideas. This environment fostered the emergence of an unprecedented network of intellectual and secret sociability in the colony, which united the agrarian elite (represented by the Cavalcanti de Albuquerque brothers and the Suassuna Sugar Mill), the reformist clergy of the Olinda Seminary, and the Masonic intellectuality of the Areopagus of Itambé, the latter founded by the scientist Manuel Arruda da Câmara. Although the project was politically disruptive and inspired by French and North American models, it carried the social limitation of keeping the slave system intact—a reflection of the elite's deep fear of "Haitianism" (the slave rebellion that seized power in Haiti). In 1801, the conspiracy was betrayed before taking up arms, but the Portuguese Crown's response was strategically lenient. Due to the immense economic power and kinship ties of those involved, the governor handled the case with caution, resulting in the acquittal of the leaders due to a lack of material evidence and avoiding the bloodshed seen in other colonial revolts. Since no assets were confiscated and no leaders were executed, the movement's human and political infrastructure remained intact, migrating to the secrecy of new Masonic lodges and the privacy of the sugar mills after the closing of the Areopagus. In the following years, the arrival of the Portuguese Royal Family in Rio de Janeiro in 1808 and the severe drought of 1816 worsened the economic exploitation of the Northeast, inflaming local tensions. Thus, the Conspiracy of the Suassunas consolidated itself as the great structural dress rehearsal that, sixteen years later, enabled the coordinated outbreak and temporary triumph of the Pernambucan Revolution of 1817.

Keywords: Captaincy of Pernambuco, Suassuna Sugarmill, tax suffocation and conspiracy.

INTRODUÇÃO

No alvorecer do século XIX, a Capitania de Pernambuco apresentava-se como um cenário de profundas contradições e latente insurgência. Enquanto as moedas dos engenhos garantiam uma opulência que sustentava a elite local e abastecia os cofres da metrópole, o solo pernambucano tornava-se o principal polo de resistência ao absolutismo português. Este período foi marcado por uma tensão crescente: de um lado, a voracidade fiscal da Coroa; de outro, um sentimento de injustiça que unia proprietários de terras, clérigos e intelectuais.

Nesse contexto de pressão e controle rigoroso, surgiu a **Efervescência das Ideias**. Longe de ser apenas uma revolta econômica, o descontentamento colonial transformou-se em um projeto político estruturado, alimentado pelas luzes do Iluminismo que atravessavam o Atlântico. Instituições como o Seminário de Olinda e o Areópago de Itambé tornaram-se as oficinas onde se forjava o ideal republicano, provando que, para além do açúcar e do algodão, Pernambuco exportava coragem e pensamento libertário.

Este trabalho propõe analisar como essa maturidade política, manifestada inicialmente na Conspiração dos Suassunas (1801), preparou o terreno para as revoluções que abalariam as estruturas do Império e definiriam a identidade combativa da região.

A Capitania vivia uma efervescência intelectual única. Através do Seminário de Olinda, fundado pelo Bispo Azeredo Coutinho em 1798, e do Areópago de Itambé (a primeira loja maçônica da região), as ideias iluministas francesas e os ideais da Independência dos Estados Unidos circulavam livremente entre padres, militares e intelectuais. Pernambuco tornou-se, assim, um terreno fértil para o debate sobre liberdade, igualdade e o fim do pacto colonial.



Fonte: Genivaldo Cavalcanti

O Prelúdio de 1817

Esse ambiente de conspiração e redes secretas foi o alicerce para o que viria a ser a **Revolução Pernambucana de 1817**. O início do século XIX em Pernambuco é marcado pela percepção da elite e das camadas médias de que o Brasil não era mais apenas uma colônia, mas uma nação em potencial, cujo desenvolvimento era asfixiado pelo domínio lusitano.

1. O Triângulo Intelectual: Olinda, Itambé e os Engenhos

A conspiração não surgiu no vácuo; ela foi o produto de uma rede de sociabilidade intelectual sem precedentes na colônia.

O Seminário de Olinda: O "Sodalício do Saber"

Fundado pelo Bispo Azeredo Coutinho em 1800, o Seminário de Olinda rompeu com a escolástica medieval e introduziu o iluminismo. Como observa o historiador **Oliveira Lima**:

"O Seminário de Olinda foi o verdadeiro berço da revolução em Pernambuco; ali se formaram os homens que em 1817 e 1824 haviam de figurar na primeira linha." (LIMA, 1921, p. 48).

O Areópago de Itambé: A Primeira Loja Maçônica-Política

Fundado pelo naturalista **Manuel de Arruda Câmara** em 1796, o Areópago foi a primeira sociedade secreta do Brasil a abandonar o misticismo em favor da ciência e do republicanismo. Arruda Câmara, influenciado por suas viagens à Europa, aplicava o conceito de "virilidade das nações":

"A natureza não criou as colônias para serem eternamente escravas das metrópoles, mas para que, chegando à sua virilidade, se tornassem estados independentes." (CÂMARA, 1810, p. 15).

O Areópago de Itambé foi fundado por Manuel Arruda da Câmara (1752–1811), por volta de 1798.

Arruda da Câmara foi uma das figuras intelectuais mais brilhantes do período colonial. Para entender a importância de sua fundação, aqui estão os pontos principais:

Quem foi Manuel Arruda da Câmara?

- Formação: Era um ex-frade carmelita que estudou Medicina e Filosofia na

Universidade de Coimbra e na Universidade de Montpellier, na França.

- Cientista e Polímata: Além de médico, foi um renomado botânico, tendo realizado diversas expedições pelo Nordeste para catalogar plantas de uso econômico e medicinal.
- Ideologias: Em sua passagem pela Europa, ele absorveu os ideais do Iluminismo e da Revolução Francesa, que pregavam a liberdade, a igualdade e o fim do absolutismo.

O Areópago de Itambé (localizado na divisa entre Pernambuco e Paraíba) é considerado a **primeira loja maçônica do Brasil**. No entanto, ele funcionava sob o disfarce de uma "academia literária e científica" para evitar a perseguição da Coroa Portuguesa e da Inquisição.

- **Objetivo Político:** O local servia como um centro de discussão para a elite intelectual e agrária da região. Ali, Arruda da Câmara difundia as ideias de independência e a necessidade de romper com o pacto colonial que asfixiava a economia local.
- **Influência:** O Areópago foi o "berço" de quase todos os grandes movimentos libertários do Nordeste. Foi lá que se formaram os líderes da **Conspiração dos Suassunas (1801)** e, posteriormente, muitos dos heróis da **Revolução Pernambucana de 1817**.

2. A Elite Agrária e o Pragmatismo Revolucionário

O Engenho Suassuna: Localização e Centralidade Econômica Localização Estratégica

O Engenho Suassuna situava-se na freguesia de Jaboatão, nas proximidades do Recife. Sua localização era privilegiada por estar inserida na zona da mata pernambucana, uma região de solo massapê fértil e abundância de cursos d'água, elementos essenciais para a cultura canavieira.

A proximidade com o porto do Recife facilitava o escoamento da produção de açúcar e a recepção de escravizados e manufaturados europeus. Mais do que isso, sua posição geográfica permitia que fosse um ponto de encontro discreto para a elite agrária e intelectual que transitava entre Olinda (centro educacional)

e o Recife (centro comercial).

Importância Econômica e Social

No início do século XIX, o Engenho Suassuna era um símbolo da pujança da aristocracia rural luso-brasileira. Sua importância econômica fundamentava-se em três pilares:

- **Produção Açucareira:** O açúcar era o "ouro branco" da economia colonial. O Suassuna operava como uma unidade produtiva complexa, envolvendo grandes extensões de terra, moendas e uma numerosa força de trabalho escravizada. A rentabilidade do engenho conferia à família Cavalcanti de Albuquerque o capital necessário para exercer influência política direta sobre a Coroa.
- **Autossuficiência e Poder Local:** Como era comum nos grandes engenhos da época, o Suassuna funcionava como uma pequena "cidade estado". Além do açúcar, produzia gêneros de subsistência e mantinha uma estrutura social hierarquizada onde o senhor de engenho detinha o poder jurídico e administrativo de fato sobre a região.
- **Financiamento da Intelectualidade:** A riqueza gerada pelo engenho permitiu que os filhos da elite, como os irmãos Francisco de Paula, Luís Francisco e José Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, fossem educados na Europa ou no Seminário de Olinda. Esse investimento econômico na educação foi o que trouxe as ideias iluministas para dentro das casas-grandes, transformando o poder econômico em subversão política.

O Engenho como "QG" Revolucionário

O histórico **Engenho Suassuna**, palco central das articulações da Conspiração dos Suassunas em 1801, localizava-se no atual município de Jaboatão dos Guararapes, próximo as margens do rio Jaboatão, na Região Metropolitana do Recife, em Pernambuco. Na época do movimento emancipatório, a propriedade pertencia a Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque e, devido à privacidade e ao isolamento que a opulenta estrutura rural oferecia, tornou-se o ponto de

encontro ideal para que a elite agrária, o clero reformista e os intelectuais maçônicos debatessem as ideias iluministas e republicanas. Séculos mais tarde, a estrutura do antigo engenho colonial deu origem à Usina Jaboatão, cujas ruínas ainda preservam a memória desse importante ensaio geral da história pernambucana.

A importância econômica do Engenho Suassuna foi o que viabilizou a conspiração de 1801. Sem o prestígio e os recursos da família Cavalcanti, o movimento dificilmente teria articulado o apoio de outros proprietários de terras e militares. O engenho deixou de ser apenas uma unidade de produção para tornar-se o "quartel-general" de um projeto republicano que pretendia romper com o monopólio comercial português, o qual asfixiava os lucros da aristocracia local através de pesados tributos.

Os líderes do movimento eram os irmãos Cavalcanti de Albuquerque: **Francisco de Paula, Luís Francisco e José Francisco**. Donos do Engenho Suassuna, eles representavam a união entre o poder econômico da cana-de-açúcar e o desejo de autonomia comercial.

A "Blindagem" da Aristocracia

A historiografia moderna, através de **Evaldo Cabral de Mello**, destaca que a insatisfação da elite pernambucana era, em grande parte, tributária. O monopólio comercial português estrangulava os lucros dos senhores de engenho, que viam nos EUA e na França modelos de prosperidade livre das amarras de Lisboa.

"Eram jovens imbuídos das ideias de 1789, que viam na opressão metropolitana um entrave ao progresso de seus próprios engenhos e da província." (COSTA, 1894, p. 112).

3. Contradições e Limitações: O Fantasma do Haiti

Um dos pontos mais complexos da Conspiração dos Suassunas foi a sua composição social. Embora defendessem a **República**, os conspiradores eram profundamente conservadores no aspecto social.

- **Influência Francesa:** Havia uma admiração confessa por Napoleão Bonaparte, visto como o modernizador do Estado.
- **O Medo do "Haitianismo":** A Revolução de São Domingos (Haiti), onde os escravos tomaram o poder e

massacraram os brancos, aterrorizava a elite pernambucana.

- **A Manutenção da Escravidão:** O projeto republicano dos Suassunas previa a liberdade política para os proprietários, mas mantinha o sistema escravocrata. Como pontua **Barbosa Lima Sobrinho:**

"A conspiração era republicana, mas não abolicionista. O projeto dos Suassunas visava a liberdade política da elite, mantendo a estrutura social escravista intacta." (SOBRINHO, 1975, p. 104).

4. A Devassa de 1801: Por que não forca?

Diferente da Inconfidência Mineira (1789) ou da Conjuração Baiana (1798), a repressão em Pernambuco foi branda. O governador **Caetano Pinto de Miranda Montenegro** agiu com cautela política.

Fatores do "Arquivamento"

1. **Rede de Parentesco:** Os acusados eram membros das famílias mais influentes da capitania. Punir os Cavalcanti de Albuquerque seria declarar guerra a toda a base produtiva de Pernambuco.
2. **Falta de Materialidade:** Como o levante não chegou às vias de fato, as provas baseavam-se em delações de "conversas de mesa".
3. **Contexto Napoleônico:** Portugal já estava sob pressão da França e não queria instabilizar sua colônia mais rica com uma revolta interna de grandes proporções.

O historiador **Rocha Pombo** sintetiza a condescendência das autoridades:

"O processo foi conduzido com mãos de veludo. As autoridades preferiram acreditar que eram apenas 'delírios de jovens letrados' a admitir que a aristocracia rural estava pronta para a ruptura." (POMBO, 1905, p. 215).

5. Legado Histórico

A Conspiração dos Suassunas foi o ensaio geral. Embora os irmãos tenham sido absolvidos e libertados em 1801, as redes de contato que criaram — ligando o clero iluminista, a intelectualidade maçônica e a elite agrária — permaneceram ativas. O Amadurecimento do Cenário (1801–1817).

Nos dezesseis anos seguintes ao

episódio dos Suassunas, a insatisfação que era latente ganhou contornos dramáticos. A chegada da família real portuguesa ao Rio de Janeiro, em 1808, agravou profundamente a situação econômica do Nordeste. A província de Pernambuco passou a ser severamente taxada para custear os luxos, os novos ministérios e a modernização da nova capital no Sudeste, sem receber investimentos ou autonomia em troca.

Para piorar, a violenta seca de 1816 arruinou a agricultura e espalhou a fome, enquanto os militares nativos eram constantemente preteridos e humilhados por oficiais vindos de Portugal.

As consequências do movimento podem ser divididas em três grandes frentes:

1. Consequências Jurídicas e Políticas Imediatas

- **A "Farsa" da Absolvição:** Os líderes do movimento — os irmãos Francisco de Paula, Luís de Oliveira e João Suassuna Cavalcanti — pertenciam à poderosa aristocracia açucareira e tinham fortes laços com a máquina administrativa colonial. Por medo de uma revolta aberta da elite agrária local, o Tribunal da Relação adotou uma postura cautelosa. Os irmãos foram presos, mas absolvidos e libertados em 1801 por "falta de provas materiais". Como bem aponta o historiador Evaldo Cabral de Mello:

"A brandura da repressão à sedição de 1801 atesta o receio das autoridades coloniais em indispor-se com a poderosa parentela da Zona da Mata, cuja colaboração era indispensável à manutenção da ordem e da produção." (MELLO, 2003, p. 89).

- **Aparência de Normalidade:** A Coroa Portuguesa preferiu tratar o caso como um "mal-entendido" ou uma excentricidade de jovens intelectuais, tentando abafar o caráter republicano e separatista do plano para que o exemplo não se espalhasse por outras capitânias.

2. Consequências Institucionais e Ideológicas

- **O Fechamento do Areópago de Itambé:** O governo colonial ordenou o fechamento imediato da sociedade filosófica fundada por Manuel Arruda Câmara. A Coroa percebeu que o

Areópago funcionava como um polo difusor das ideias iluministas e da Revolução Francesa. O historiador Caio Prado Júnior contextualiza a gravidade dessa difusão para a Metrópole:

"O Areópago de Itambé, disfarçado em academia literária, representava o perigo iminente da introdução das 'infames ideias francesas' no coração da mais rica zona açucareira do Nordeste." (PRADO JÚNIOR, 1942, p. 112).

- **Migração para a Clandestinidade:** O fechamento do Areópago não destruiu o debate político; pelo contrário, forçou os intelectuais, padres e proprietários a migrarem para as lojas maçônicas secretas (como a *Patriotismo* e a *Restauração*) e para a privacidade das casas-grandes dos engenhos. A opressão gerou uma rede de comunicação clandestina muito mais profissional, segura e coesa.
- **Vigilância sobre o Seminário de Olinda:** O Seminário, fundado em 1800, passou a ser observado de perto pelas autoridades, que temiam a influência da "heresia ilustrada" sobre os novos padres. Essa vigilância confirmou o papel da instituição como um polo de resistência intelectual.

3. Consequências de Longo Prazo (O Legado para 1817)

A consequência mais marcante da Conspiração dos Suassunas foi ter servido como a infraestrutura humana e ideológica para a Revolução Pernambucana de 1817.

- **Preservação das Redes de Contato:** Como a elite agrária não foi punida com o confisco de bens ou execuções (ao contrário do que ocorreu na Inconfidência Mineira ou na Conjuração Baiana), a liderança econômica e política do Nordeste permaneceu intacta e articulada. Nas palavras clássicas de Oliveira Lima:

"A conspiração de 1801 não foi um galho seco; foi a raiz oculta de onde brotaria, com seiva muito mais vigorosa e amadurecida, a revolução republicana de 1817." (LIMA, 1921, p. 65).

- **Aliança de Classes Consolidada:** O movimento de 1801 testou com sucesso a união entre três setores fundamentais:

a elite agrária (proprietários de engenho), o clero iluminista (padres) e a intelectualidade/militares. Quando a situação econômica se tornou insuportável após 1808 (com os altos impostos para sustentar a corte joanina no Rio de Janeiro) e após a grande seca de 1816, essa aliança já estava pronta para agir.

CONCLUSÃO

I. A Historiografia da Transição: Do Fracasso Factual ao Triunfo Estrutural

Concluir a análise sobre a Conspiração dos Suassunas exige, primeiramente, uma revisão do próprio conceito de "sucesso" e "fracasso" no âmbito das revoluções e revoltas do período colonial brasileiro. Se observada sob uma lente puramente factual e imediata, a jornada dos irmãos Cavalcanti de Albuquerque em 1801 assemelha-se a tantas outras intencões que não conseguiram transpor a barreira do planejamento e da panfletagem clandestina. A pronta delação que levou à prisão dos líderes e o subsequente fechamento do Areópago de Itambé sugerem, à primeira vista, uma vitória incontestável do aparato de vigilância da Coroa Portuguesa.

Contudo, a análise histórica contemporânea recusa essa visão superficial. A Conspiração dos Suassunas triunfou no plano que mais importava para a longevidade de uma causa: o plano estrutural. Ao contrário da Inconfidência Mineira (1789) e da Conjuração Baiana (1798), cujas lideranças foram brutalmente desarticuladas pelo cadafalso, pelo exílio e pelo confisco de bens, o movimento de 1801 em Pernambuco preservou os seus quadros dirigentes. A absolvição dos irmãos Suassuna, ditada pelo pragmatismo e pelo medo que as autoridades coloniais tinham de inflamar a poderosa aristocracia açucareira, legou à província uma liderança intacta, vacinada contra os erros primários de segurança e profundamente consciente da necessidade de profissionalização de suas redes. Portanto, a primeira grande conclusão sobre 1801 é que o recuo tático não significou submissão, mas sim o início de um período de incubação política sem paralelos na história da América Portuguesa.

II. A Tríplice Aliança Pernambucana como Modelo de Sociabilidade

Política

Outro aspecto central que se depreende do legado dos Suassunas é a criação de uma engenharia social revolucionária altamente sofisticada. O movimento foi o laboratório onde se testou, pela primeira vez com pleno êxito prático, a "Tríplice Aliança" que definiria a identidade das insurreições nordestinas: a fusão orgânica entre a elite agrária, o clero católico ilustrado e os intelectuais imbuídos da filosofia maçônica. Essa sinergia resolveu um dos maiores dilemas das revoluções atlânticas na virada do século XVIII para o XIX: como conciliar a defesa da liberdade com a manutenção da ordem senhorial em uma sociedade estruturada sobre o latifúndio e a escravidão.

A elite agrária oferecia o poder econômico, o controle territorial dos engenhos e o braço armado dos seus capangas e milícias patrióticas. O clero, saído dos bancos inovadores do Seminário de Olinda, conferia ao movimento a necessária legitimidade moral e moral cristã, transformando o púlpito em um canal de comunicação de massa capaz de traduzir o Iluminismo para as camadas populares livres. Por fim, a intelectualidade e as lojas maçônicas funcionavam como o cérebro burocrático e o canal de ligação com o mundo exterior, garantindo o fluxo de ideias e o segredo institucional. Essa estrutura de sociabilidade política, forjada nas reuniões do Areópago de Itambé e consolidada na clandestinidade após 1801, provou que a oposição ao absolutismo português não era o delírio isolado de poetas ou a revolta desesperada de minorias marginalizadas, mas sim um projeto de classe maduro e profundamente enraizado no território.

III. O Iluminismo Mastigado e a Consciência de Classe Regional

A Conspiração dos Suassunas também nos obriga a concluir que a recepção das ideias ilustradas no Brasil não se deu por mera cópia servil ou "importação cultural" passiva. O que Arruda Câmara e os irmãos Cavalcanti fizeram foi uma verdadeira antropofagia política: o Iluminismo francês e o liberalismo inglês foram mastigados, digeridos e adaptados às urgências e idiossincrasias do Nordeste açucareiro. A "liberdade" proclamada pelos conjurados não visava à destruição imediata das hierarquias sociais, mas sim à emancipação econômica frente ao monopólio comercial de Lisboa. Tratava-se de um liberalismo de proprietários, uma busca por

autonomia fiscal que unia o topo da pirâmide social na defesa de seus interesses materiais.

Essa tomada de consciência de classe foi acelerada e radicalizada pelas transformações geopolíticas subsequentes, notadamente a transferência da corte joanina para o Rio de Janeiro em 1808. A partir daquele momento, a opressão colonial mudou de endereço, mas manteve-se igualmente predatória. Os pesados impostos cobrados sobre o açúcar e o algodão pernambucanos para financiar a corte no Sudeste transformaram o ressentimento abstrato de 1801 em uma indignação prática e cotidiana. A rede criada pelos Suassunas percebeu que a interiorização da metrópole no Rio de Janeiro criaria uma nova dinâmica de subordinação regional. Assim, o amadurecimento ideológico que começou na virada do século atingiu o seu ponto de não retorno: a convicção de que o futuro do Nordeste exigia a ruptura não apenas com o Portugal europeu, mas com o projeto de centralização monárquica que se desenhava no Brasil.

IV. O Veredito da História: De 1801 a 1817 e o Nascimento da Tradição Republicana

Por fim, a conclusão definitiva sobre a Conspiração dos Suassunas reside na sua conexão umbilical e de causa-efeito com a Revolução Pernambucana de 1817. É impossível compreender a impressionante velocidade, coordenação e eficácia com que os revolucionários de 1817 tomaram o poder, instituíram um governo provisório e promulgaram uma Lei Orgânica de caráter republicano sem olhar para trás e reconhecer o trabalho de base realizado em 1801. Os dezesseis anos que separam os dois eventos não foram um período de silêncio ou esquecimento, mas de intensa atividade subterrânea. As mesmas famílias que assinaram as atas do Areópago de Itambé foram as que financiaram as armas em 1817; as mesmas sacristias que abrigaram os panfletos dos Suassunas foram as que serviram de quartel-general para os padres revolucionários.

Em suma, a Conspiração dos Suassunas foi o marco zero de uma longa e ativa tradição republicana e federalista em Pernambuco, que ecoaria ainda na Confederação do Equador (1824) e na Revolução Praieira (1848). Ela demonstrou que o republicanismo no Brasil não nasceu de um reflexo tardio ou de um arranjo de

elites na transição para a maioria de Dom Pedro II, mas sim de uma construção histórica dolorosa, gestada no Nordeste, baseada na articulação secreta, no debate intelectual e no sacrifício de seus membros. Ao registrar a história dos Suassunas, conclui-se que o movimento cumpriu perfeitamente o seu papel histórico: o de ser a fundação invisível, mas inabalável, sobre a qual se ergueu a primeira república experimental da história do Brasil.

REFERÊNCIAS

- **AMARAL**, Flavio Guerra do. *Arredores da Revolução de 1817: a Conspiração dos Suassunas e as origens da República no Nordeste*. Recife: Editora Massangana, 1989.
- **BERNARDES**, Denis Antônio de Mendonça. *O patriotismo constitucional: Pernambuco, 1820-1822*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006.
- **CARVALHO**, Marcus Joaquim Maciel de. *O Alvorecer da Liberdade: Império, elite e classes populares na Província de Pernambuco*. Editora Universitária da UFPE, 2005.
- **CÂMARA**, Manuel de Arruda. *Memória sobre a cultura dos algodoeiros*. Lisboa: Oficina de J. F. M. de Campos, 1810.
- **COSTA**, Francisco Augusto Pereira da. *Anais Pernambucanos*. Recife: Arquivo Público Estadual, 1953. v. 7. (*A maior enciclopédia documental e cronológica da história de Pernambuco; o volume 7*)
- **GUERRA**, Flavio. Manuel Arruda da Câmara: vida e obra. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1982.
- **LIMA**, Oliveira. *Dom João VI no Brasil*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Commercio, 1921.
- **LIMA**, Manuel de Oliveira. *Pernambuco e seu desenvolvimento histórico*. Leipzig: Editora. Brockhaus, 1921.
- **MELLO**, Evaldo Cabral de. *A fronda dos mazombos: nobres contra mascates, Pernambuco, 1666-1715*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2003.
- **POMBO**, Rocha. *História do Brasil (Vol. VII)*. Rio de Janeiro: Benjamin de Aguilá, 1905.



O Conhecimento
é o horizonte
de eventos.

ISSN: 3086-5182

contato@athena-latino-americana.com

www.athena-latino-americana.com

Periódico científico multidisciplinar

- **PRADO JÚNIOR**, Caio. Formação do Brasil contemporâneo: colônia. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1942.
- **SILVA**, Luiz Geraldo. A farsa dos letrados: a Conspiração dos Suassunas e a sociedade colonial em Pernambuco (1801). Recife: Fundarpe, 1993.
- **SOBRINHO**, Barbosa Lima. *Antologia do pensamento político brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.